

GÊNERO, SEXUALIDADE E PERFORMANCE: O ENSINO DE FRANCÊS SOB UMA PERSPECTIVA NÃO BINÁRIA

DOS SANTOS, RAFAEL FELIPE¹; CAVALHEIRO, ANA MARIA DA SILVA.
Orientadora.²

¹*Universidade Federal de Pelotas – rafaelhett@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – anamacav@yahoo.fr*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende ilustrar as vivências do graduando Rafael Felipe dos Santos, aluno do terceiro semestre da Licenciatura em Letras - Português /Francês e suas respectivas literaturas, durante o curso básico de Língua Francesa I, ofertado pela Câmera de Extensão do Centro de Letras e Comunicação (CaExt/CLC) da Universidade Federal de Pelotas no primeiro semestre de 2016.

É um desafio pensar em ensinar para uma turma de vinte alunos quando se está no terceiro semestre da graduação. Várias dúvidas surgem: sou realmente capaz? Não cometerei as falhas de didática que nos dizem para não cometer? Causarei uma boa impressão? Pouco depois, percebe-se que tais falhas são parte do aprendizado de qualquer educador, extremamente necessárias para crescer enquanto indivíduo e futuro professor.

Evidentemente, o auxílio prestado pelo corpo docente responsável pelo francês na Extensão, composto das professoras Ana Maria da Silva Cavalheiro, Maristela Gonçalves Sousa Machado e Mariza Pereira Zanini, tem um mérito imensurável. Em especial, agradeço à minha orientadora, a prof.^a Ms.^a Ana Maria da Silva Cavalheiro, por ter fornecido todos os subsídios para que eu pudesse desenvolver um bom trabalho em sala de aula. Além disso, agradeço a paciência, atenção e compreensão de sua parte, elementos considerados por mim cruciais em um trabalho em equipe, como deve ser o da atividade extensionista, principalmente na área de línguas.

No CLC, atualmente se registram nove cursos de Extensão propiciadores de contato com a língua francesa. São eles: Teatro em Francês, Ciclo de Palestras aspectos e desafios da francofonia XIII, Língua Francesa no Instituto Federal Sul-Riograndense¹, Francês para a Comunidade Escolar Pública, Curso de Conversação em Língua Francesa, Aspectos linguísticos e prosódicos do francês língua estrangeira², Introdução à compreensão de leitura em língua francesa³ e Francês para a comunidade do Anglo⁴.

Particularmente, destaco os Cursos Básicos de Língua ofertados nas unidades da UFPel. A área de francês os oferece em quatro níveis: Francês Básico I², Francês Básico II², Francês Básico III³ e Francês Básico IV³. Nesse primeiro semestre de 2016, fui selecionado para lecionar na turma II de Francês Básico I, ministrado no Salis Goulart aos sábados de manhã. O curso teve início em 09/04/2016 e foi finalizado no dia 09/07/2016, contabilizando 13 encontros de 4 horas presenciais cada. A turma era, em sua maioria, de universitários da UFPel, salvo dois professores federais e um aposentado. Trabalhamos com a

¹ Coordenados pela Prof.^a Dr.^a Maristela Gonçalves Sousa Machado.

² Coordenados pela Prof.^a Ms.^a Ana Maria da Silva Cavalheiro

³ Coordenados pela Prof.^a Dr.^a Mariza Pereira Zanini

⁴ Coordenado pelo Prof. Ms. Deivid Silva Blank

abordagem comunicativa e acional de ensino de Francês Língua Estrangeira, com ênfase no diálogo e na aprendizagem contextualizada.

Gostaria, no entanto, de me deter em questões outras que não a forma como os conteúdos foram trabalhados, mas sim em minha experiência enquanto *marujo de primeira viagem* e, principalmente, enquanto ministrante assumidamente homossexual e não identificado com o binarismo de gênero masculino/feminino.

2. METODOLOGIA

Deborah Cameron em seu artigo *Desempenhando identidade de gênero*, publicado em 1998 e copilado no livro *Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos* (2010), evoca Judith Butler ao dizer: “Gênero é uma estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos dentro de uma estrutura rígida e reguladora que se consolida com o passar do tempo, produzindo o que aparenta ser substância, uma espécie de ‘natural’ do ser” (BUTLER, 1990, p. 33 *apud* Cameron, 2010, p. 132). A discussão avança e afirma-se que gênero é, de fato, algo construído socialmente e por isso precisa ser constantemente reforçado por meio de “(...) ações específicas ajustadas a normas culturais” (idem).

Batizada de **teoria da performatividade**, essa concepção de gênero desenvolvida por Butler muito contribuiu na compreensão do fenômeno como algo de caráter social, o que força um olhar sobre os códigos estabelecidos pelos grupos sociais e, por consequinte, confere notável fluidez e variabilidade para o gênero.

Cameron ainda se utiliza da teoria de Butler para tecer uma intersecção com a fala generificada. Segundo a primeira autora, “a fala também é uma ‘estilização repetida do corpo’, logo, ‘Essa perspectiva [pós-moderna] muda o foco de uma simples catalogação de diferença entre homens e mulheres para uma pergunta mais sutil sobre como as pessoas usam recursos linguísticos para produzir a diferença de gênero’” (CAMERON, 2010, p. 132). Esses são subsídios suficientes para afirmar que um professor homossexual lançará mão de artifícios diferentes de um professor heterossexual, não restrito à linguagem, mas com ênfase nela, para performar seu gênero e sua sexualidade, como já observado por MACIEL e GARCIA (2015) em *A lesbianidade como arte da produção de si e suas interfaces no currículo*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No artigo mencionado acima, de MACIEL e GARCIA (2015), vê-se no depoimento de várias professoras lésbicas que questões relacionadas ao gênero ou à sexualidade ainda são tabu, seja nas escolas, na sociedade ou mesmo na comunidade acadêmica. Muitos professores homossexuais temem ir para a sala de aula, tentam se normativizar para minimizar a potencial discriminação. Enganam-se os pensamentos de que “os tempos mudaram e que vivemos numa fase de aceitação”. Mascarou-se o preconceito, porém, ele ainda se evidencia e às vezes de forma cruel.

É esse pensamento de uma sociedade atroz e fechada que me fez pensar na possibilidade de uma má receptividade da parte dos meus alunos. Cheguei no primeiro dia de aula de unhas pintadas, lápis de olho e *blush*, o que por si só já dizia algo sobre mim, afinal, é igualmente falso que a sociedade atual admita

homens heterossexuais de esmalte e maquiagem sem ver isso como um problema. Possivelmente, criou-se um senso de culpa por “julgar o livro pela capa”, entretanto, esse julgamento não é aleatório. Nele estão implícitos os valores sociais que definem a masculinidade, a femininidade e o permitido a cada um dos gêneros, determinando os chamados **papéis de gênero**.

Num mundo ainda acostumado com o binarismo, é difícil reconhecer que não se nasce homem, mas torna-se homem, parodiando a célebre frase de Simone de Beauvoir⁵, assim, há comportamentos fundamentais para desempenhar o esperado de um homem. Eu, enquanto ministrante e indivíduo, não correspondia à grande parte dessas expectativas.

Surpreendentemente, meus alunos também não corresponderam às minhas expectativas, não de gênero, mas de aceitação. Na primeira aula, houve um silêncio de estranhos se acostumando à presença um do outro. Percebi nitidamente os olhares recaíndo sobre minhas unhas e senti que também olhavam para minhas bochechas avermelhadas. Uma pequena divergência de ideias com uma aluna já me deixara apreensivo e durante a semana seguinte refleti se realmente se tratava de uma discordância de opiniões ou se algo além estava envolvido.

Nos próximos encontros, essas dúvidas se esfarelaram. Presenciei uma classe mais aberta, rimos juntos diversas vezes durante a escuta dos áudios em francês e me pareceu que a preocupação maior era a de nunca ter tido nenhum contato com a língua e não de ter um professor gay, que usa maquiagem e unha pintada.

No entanto, é importante também relevar o fator da idade. Ter uma faixa etária próxima a dos meus alunos favoreceu nossa interação, já que compartilhamos um linguajar e visões de mundo.

4. CONCLUSÕES

Pode parecer irrelevante um relato centrado nesse tipo de informação, entretanto, como já foi dito, num mundo binário e mascaradamente preconceituoso, minha sexualidade e expressão de gênero destoantes da normatividade heterossexual poderiam ter sido um grande impedimento para o aprendizado dos alunos. Aprender numa relação aluno-professor requer do aluno um reconhecimento da figura do professor, uma *aceitação* de sua identidade, uma aceitação de quem ele é.

A partir da forma pela qual eu performo meu gênero e minha sexualidade em todos os meus atos, sejam de fala, de vestimenta ou mesmo nos exemplos levados para a sala baseados na minha experiência do mundo sendo homossexual e não-binário, criei uma relação diferenciada com meus alunos. Não digo que foi mais fácil para os ministrantes heterossexuais, afinal, a sala de aula é um ambiente imprevisível, porém, afirmo com convicção que pensar na forma pela qual seus alunos veriam sua expressão de gênero não figurava no horizonte de preocupação deles.

Fico extremamente feliz de ter recebido elogios sobre minha didática, sobre o quanto minhas aulas eram divertidas e sobre como o tempo parecia passar mais rápido aos sábados de manhã. Declarações de alguns deles sobre já ter feito curso de francês anteriormente, mas só comigo ter realmente entendido o funcionamento da língua são aquelas das quais me recordarei pra sempre,

⁵ “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p. 8)

positivamente. Ter tido esse contato me foi de fundamental importância no atual estágio de minha licenciatura, pois me permitiu ver na prática a heterogeneidade de uma turma, a maneira cuidadosa com a qual os conteúdos devem ser preparados e, principalmente, como é estar do outro lado da sala de aula.

Dessa forma, ao contrário do imaginado, minha primeira experiência não poderia ter sido mais proveitosa. Compreendo, evidentemente, que uma atividade extensionista é bem diferente do “mundo real”, dado que, embora a universidade seja reflexo da sociedade em si, no meio acadêmico nos ensinam a ser mais comedidos, escondem-se os preconceitos em prol de uma postura ética mais condizente com um nível superior de instrução. Todavia, com frequência vê-se que isso não é o suficiente para barrar toda uma matriz cultural de cunho prescritivo e capaz de ditar como se deve agir.

É impossível, no meio de tristes relatos de professores e alunos homossexuais, negros, transsexuais, travestis e de muitas outras identidades que essa matriz não reconhece, não recuar o que acontecerá quando se estiver em uma situação de exposição. Por esse motivo, julgo ser essencial sim problematizar, discutir gênero e implantar políticas de inclusão desses grupos minoritários em todas as esferas sociais.

Na sala de aula, a exemplo do que me foi proporcionado, um aumento de representatividade só trará benefícios ao desmitificar conceitos cristalizados e infundados, mostrará ao mundo as vantagens da diferença, não permitindo a nenhum grupo impor sua verdade ou seu comportamento como *ontológico*. Precisamos entender o gênero e separá-lo de ideias pré-concebidas para que, só depois, possamos desmascarar discursos de poder que tentam moldar o mundo a seu favor. Como disse Butler (2007): “Não há uma matriz de gênero, uma matriz ontológica que explique a verdade dos sujeitos. O que há são tentativas de incorporar o gênero numa perspectiva que naturaliza o sexo. Essas tentativas são sempre falhas e fraturadas, portanto, há o que se pode chamar de oposições, ou seja, falhas dentro dos termos, rupturas que mostram como os termos são culturalmente produzidos.” (BUTLER, 2007 *apud* MACIEL e GARCIA, 2015, p. 10).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACIEL, Patricia Daniela; GARCIA, Maria Manuela Alves. A lesbianidade como arte da produção de si e suas interfaces no currículo. In: **37ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação**, 2015, Florianópolis - SC. Plano Nacional de Educação: Tensões e perspectivas para a educação pública brasileira. Rio de Janeiro, 2015.

OSTERMANN, Ana Cristina & FONTANA, Beatriz. (Orgs.) **Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

UFPel. **Projetos por unidade – Faculdade de Letras**. Pró Reitoria de Extensão e Cultura (Prec). Acessado em 05 jul. 2016. Online. Disponível em: <https://buddhi.ufpel.edu.br/diplan/projetos/relatorios.php>